

## INTERVENÇÃO EDUCATIVA COM ABORDAGEM LÚDICA PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA POSSIBILIDADE DE DISCUTIR HPV

EDUCATIONAL INTERVENTION WITH A PLAYFUL APPROACH TO HEALTH EDUCATION: A POSSIBILITY TO DISCUSS HPV

INTERVENCIÓN EDUCATIVA CON ENFOQUE LÚDICO DE LA EDUCACIÓN PARA LA SALUD: POSIBILIDAD DE DISCUTIR EL HPV

Winne Katharine Souza Rocha <sup>1</sup>

Gabriele Marisco da Silva <sup>2</sup>

**Manuscrito recebido em:** 14 de fevereiro de 2022.

**Aprovado em:** 04 de abril de 2022.

**Publicado em:** 01 de junho de 2022.

### Resumo

A educação em saúde vem sendo incluída nas escolas, buscando informar, orientar e estimular o autoconhecimento sobre um determinado tema, com o intuito de refletir na melhoria e na qualidade de vida individual e coletiva. Intervenções educativas que preconizam abordagem lúdica com embasamento teórico-científico são mais adequadas, principalmente quando abordam sexualidade e aspectos relacionados à puberdade, pois permite que os estudantes fiquem mais à vontade para questionar, discutir e construir conhecimentos. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, constituída pelo bate-papo “Vamos falar sobre o HPV?”, os jogos “Circuito HPV” e “Roleta HPV” e a dinâmica de grupo “Quem vê rosto não vê coração”, realizado com 178 estudantes do 7º ano de escolas da zona rural de Vitória da Conquista-BA, que buscou informar, discutir e estimular o desenvolvimento do conhecimento sobre o Papiloma Vírus Humano (HPV). Foi possível observar que a sequência de atividades lúdicas propostas colaborou com a construção do conhecimento dos discentes sobre o HPV. Ficando evidente que as intervenções educativas quando elaboradas considerando aspectos intrínsecos à comunidade e a interação entre os sujeitos, ressignificam a aprendizagem e colaboram com atitudes de autocuidado, beneficiando a si próprio e ao outro, tornando-se opção metodológica para abordar educação em saúde na escola.

**Palavras-chave:** Estratégias didáticas; HPV; Ludicidade na escola.

<sup>1</sup> Mestra em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do grupo de estudos Estratégias Ativas para o Ensino de Ciências e Saúde.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0724-334X> Contato: [winnerocha@gmail.com](mailto:winnerocha@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Biotecnologia pela Rede do Nordeste de Biotecnologia. Docente no Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do grupo de estudos Estratégias Ativas para o Ensino de Ciências e Saúde.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8301-8673> Contato: [gabrielemarisco@uesb.edu.br](mailto:gabrielemarisco@uesb.edu.br)

### Abstract

Health education has been included in schools in a multidisciplinary way, seeking to inform, guide and encourage self-knowledge on a given topic, with the objective to reflect on improving the quality of individual and collective life. Educational interventions that advocate a playful approach with a theoretical and scientific basis are more applicable, especially when addressing sexuality and aspects related to puberty, as it allows students to be more comfortable to question, discuss and develop methods. From this perspective, this article aims to present results of a qualitative and quantitative research, consisting of the lecture “Let's talk about HPV?”, the games “HPV Circuit” and “HPV roulette” and the group dynamics “Those who see faces don't see hearts”, conducted with 178 students from the 8th grade of schools in the rural area of Vitória da Conquista-BA, which sought to inform, discuss and stimulate the development of knowledge about the Human Papilloma Virus- HPV. It was possible to observe that the sequence of playful activities collaborated with the construction knowledge of students about HPV. It was evident that educational interventions when elaborated considering aspects intrinsic to the community and an interaction between the subject, they redefine learning and collaborate with self-care attitudes, benefiting oneself and the other, becoming a methodological option to address education health at school.

**Keywords:** Didactic strategies; HPV; Playfulness at school.

### Resumen

La educación para la salud se ha incluido en las escuelas, buscando informar, orientar y fomentar el autoconocimiento sobre un determinado tema, con el objetivo de reflexionar sobre la mejora de la calidad de vida individual y colectiva. Las intervenciones educativas que abogan por un enfoque lúdico con una base teórico-científica son más adecuadas, especialmente cuando abordan la sexualidad y aspectos relacionados con la pubertad, ya que permite que los estudiantes se sientan más cómodos para cuestionar, discutir y construir conocimientos. Desde esta perspectiva, este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una investigación cualitativa y cuantitativa, consistente en el chat “¿Hablemos del VPH?”, Los juegos “Circuito VPH” y “Routette VPH” y la dinámica de grupo “¿Quién ve cara no ver corazón”, realizado con 178 alumnos de 7º grado de escuelas de la zona rural de Vitória da Conquista-BA, que buscó informar, debatir y fomentar el desarrollo de conocimientos sobre el Virus del Papiloma Humano (VPH). Se pudo observar que la secuencia de actividades lúdicas propuestas colaboró con la construcción del conocimiento de los estudiantes sobre el VPH. Es evidente que cuando las intervenciones educativas se diseñan considerando aspectos intrínsecos de la comunidad y la interacción entre los sujetos, dan un nuevo significado al aprendizaje y colaboran con actitudes de autocuidado, beneficiándose a uno mismo y al otro, convirtiéndose en una opción metodológica para abordar la educación en salud. en la escuela.

**Palabras clave:** Estrategias didácticas; VPH; Alegría en la escuela.

## Introdução

Educar para a saúde se caracteriza como uma prática favorável a abordagens diferenciadas que englobam aspectos individuais, coletivos, políticos, sociais e media discussões para informar, orientar e estimular o autoconhecimento de uma determinada população, como proposto pelo Programa Saúde na Escola (PSE), idealizado pelo Governo Federal e grande aliado à educação em saúde, pois reconhece o ambiente escolar como estratégico e oportuno para ações voltadas para a saúde, que buscam integrar a ludicidade ao cotidiano dos educandos, ao passo que faz da educação uma estratégia para a promoção da saúde, proporcionando autonomia e o autocuidado (SALUM; MONTEIRO, 2015).

Com essas características, a educação em saúde é cabível ao ambiente escolar, uma vez que este é um local que amplia as possibilidades de ações específicas em diferentes focos da saúde e promoção do bem-estar, sendo um espaço formador da qualidade de vida dos estudantes (CASEMIRO *et al.*, 2014). Diante disso, para Costa, Silva e Diniz (2008), a educação em saúde na escola favorece o firmamento de parcerias entre profissionais da educação e da saúde, descentralizando a figura do professor, e ampliando o círculo de conhecimentos, o que beneficia os estudantes assim como toda a comunidade escolar, através de uma forma de pensar interdisciplinar e por tanto, mais efetiva, voltando-se para as reais necessidades da população.

As atividades educativas passam a ter, portanto, o objetivo de capacitar os escolares para uma vida saudável e segura (ROCHA *et al.*, 2016), diferente do que comumente é observado nas escolas, uma vez que o ensino ainda é muito atrelado a profissionais adeptos aos modelos tradicionais de educação que transmitem conteúdos engessados e não dispensam o livro didático, o quadro negro e o giz (FORNAZARI; OBARA, 2017).

Contudo, o desenvolvimento de métodos de ensino que incorporem saber científico, intermediado por professores e profissionais da saúde, e saber popular, trazido pelo público, favorece a compreensão das temáticas que são discutidas e é imprescindível para a efetivação do conhecimento por parte dos estudantes, exercendo um papel de grande importância na atuação e formação em todos os campos da vida social dos envolvidos (ROCHA *et al.*, 2016).

Nesse sentido o desenvolvimento de pesquisas de intervenção com foco em educação em saúde na escola, vem se concretizando com uma ferramenta capaz de auxiliar o trabalho de professores e educadores externos no que se refere à abordagem de temas que podem colaborar com a manutenção do bem-estar da população. Rizzo *et al.* (2016) explicita que ao lidar com adolescentes é importante utilizar as interfaces da criatividade com o intuito de elaborar metodologias que auxiliem no desenvolvimento intelectual, favorecendo a agregação de conhecimentos que proporcionam a adoção de novos comportamentos e a construção de saberes que oportunizam comportamentos saudáveis.

Quando se trata de escolas de zona rural as atividades interventivas são ainda mais importantes tendo em vista que há uma carência no que diz respeito à promoção da educação em saúde nestes locais (NOGUEIRA, 2010). Diante da ineficiência do transporte, rodovias ruins, classes superlotadas ou multisseriadas e material didático insuficiente, não há tempo para os professores se desvincularem dos conteúdos preestabelecidos e atentarem-se a importância de educar para a saúde, assim como não há interesse de muitos profissionais capacitados para promover educação em saúde em se deslocar a estas regiões (GONÇALVES *et al.*, 2018).

Diante do que foi explicitado, entende-se que uma intervenção educacional inclui um conjunto de interações e, como sistema didático, faz parte de sistemas mais amplos. Depende, portanto, de uma relação psicopedagógica estabelecida entre o professor e seus estudantes e de uma relação didática estabelecida de forma disciplinar ou interdisciplinar entre o professor e os objetos de conhecimento. Nessa perspectiva, a educação sensível pode proporcionar aos sujeitos uma compreensão do mundo sem perder de vista a globalidade, nem a sensibilidade, alicerces importantes para a construção do conhecimento. Uma educação que traz em seu cerne formas de intervenção didática sensível, aguçamento, além da inteligibilidade, estesia, estética e o componente lúdico (D'ÁVILA, 2021).

Nesse sentido, intervenções educativas em saúde relacionadas ao ensino de ciências, colaboram com a sensibilização e a conscientização de jovens e adolescentes sobre os riscos de doenças aos quais eles e os demais estão expostos. É necessário haver uma atenção maior para as IST (GONÇALVES *et al.*, 2014), posto que a juventude é um

período caracterizado por riscos iminentes agravados por comportamentos inadequados relacionados à sexualidade, assim como a fatores psicológicos, políticos e econômicos. Estas evidências indicam a necessidade e a priorização de ações preventivas voltadas para este público, com o intuito de prevenir doenças, tornando-se indispensável o planejamento de intervenções educacionais (JORGE, 2016).

Assim, a realização de intervenções educativas que preconize a utilização de jogos coletivos compostos por perguntas geradoras de debate e reflexões sobre a temática que se trabalha é uma das possibilidades mais interessantes para abordar sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e aspectos relacionados à puberdade, haja vista que os estudantes se mostram entusiasmados e expõe muitas dúvidas e medos que podem ser facilmente esclarecidos (BARBOSA *et al.*, 2010).

Dessa forma a abordagem lúdica, quando planejada, adequada à rotina proposta pela sala de aula e promovida por profissionais capacitados, estabelece uma potencialização da relação ensino aprendizagem, promovendo significação, divertimento e desenvolvimento global para aqueles que trocam conhecimentos, visto que a brincadeira por si só não é garantia ampliação de aprendizagem (SANTOS, 2021).

Com base no que foi exposto, o presente estudo buscou informar, discutir e estimular o desenvolvimento do conhecimento sobre o Papiloma Vírus Humano (HPV), para estudantes de 7º ano de escolas públicas de zona rural de Vitória da Conquista- BA, através de uma das possibilidades mais potentes de aprendizagem, a ludicidade.

A atividade interventiva proposta, denominada “Vamos falar sobre HPV?”, preconizou esta temática pois, a infecção por HPV vem apresentando crescimento entre jovens, os quais, em sua maioria, afirmam não ter conhecimento sobre o vírus do HPV e os riscos oferecidos por ele, nem sobre a importância de se vacinar (RÊGO *et al.*, 2017). Além de que conforme o Instituto Nacional do Câncer (BRASIL, 2011), a ocorrência de casos de câncer relacionados a este vírus no Brasil tem se mostrado relevante e vem causando grande impacto no perfil epidemiológico desta doença. Evidências que reafirmam a necessidade de intervenções educativas em saúde no espaço escolar com foco no Papiloma Vírus Humano.

## Procedimentos Metodológicos

A pesquisa relatada neste artigo é de natureza qualitativa/ quantitativa, de caráter interventivo e foi realizada em cinco escolas da zona rural do município de Vitória da Conquista- BA, com a temática HPV a partir da intervenção educativa denominada “Vamos falar sobre HPV?”. A execução das atividades propostas ocorreu com o auxílio de uma equipe multidisciplinar composta por uma discente do Programa de Pós-graduação em Ensino, professores e estudantes dos cursos de Ciências Biológicas, Enfermagem e Medicina, nomeados como mediadores.

Nesse contexto, entende-se que a pesquisa qualitativa busca obter dados descritivos de sujeitos, lugares e fenômenos, considerando diferentes perspectivas, relações e processos que permitem compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas. Apesar de poder estar interligada com a pesquisa quantitativa, sua ênfase não é a quantificação. É uma pesquisa que pode ser desenvolvida em três etapas: a fase exploratória que se refere à construção do projeto; o trabalho de campo que envolve o levantamento de dados; e, a análise de tratamento do material que consiste em ordenação, classificação e a análise propriamente dita (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2009).

Enquanto a pesquisa intervenção, trata-se de uma metodologia de pesquisa que não busca justificativas epistemológicas e sim atua como um dispositivo de intervenção que alia a teoria e o contexto social a fim de provocar melhorias ativas onde se insere, promovendo ruptura de enfoques tradicionais ao passo que atua como um método de transformação sócio-política (ROCHA; AGUIAR, 2003).

Ao realizar uma intervenção educativa, o professor/pesquisador deve atentar-se as demandas sociais que são vistas em uma determinada população, assim como debater e questionar para além do que é requerido pelos indivíduos solicitantes (PAULON; ROMAGNOLI, 2010). Cunha (2010, p. 42), compartilha esta ideia ao afirmar que intervenções educativas relacionadas à saúde humana não devem desconsiderar as influências comportamentais, a análise de fatores sócio-políticos e cotidianos, que estão intrínsecos a seres humanos.

Para isso, a análise de conteúdo forneceu as ferramentas necessárias para a compreensão dos dados obtidos, seguindo as etapas pré-análise por meio de uma leitura fluente; exploração do material por meio de codificação e categorização; e por fim o tratamento dos resultados por meio da inferência, interpretação e informatização dos dados (BARDIN, 2016). Nesse contexto, os dados aqui apresentados são pautados em questionários realizados, elaboração de material didático, nas anotações diárias e nas discussões que ocorreram em cada um dos momentos de intervenção.

Para favorecer a demonstração numérica de características qualitativas, alguns dados obtidos também foram submetidos à análise estatística descritiva e estão apresentados em valores percentuais, principalmente aqueles que foram obtidos através dos questionários, possibilitando diferentes análises e gerar diferentes gráficos e tabelas com dados isolados.

Definidos os parâmetros e condutas metodológicas, para as atividades acontecerem de forma ética, foi solicitado previamente aos responsáveis legais e aos próprios estudantes a assinatura dos termos de consentimento e assentimento, respectivamente, os quais permitiram a participação deles, conforme aprovado no comitê de ética sob o nº 80137517.2.0000.0055. No que se refere às imagens que são exibidas neste artigo, todas passaram por ferramentas de edição que auxiliaram na camuflagem dos rostos, com a finalidade de preservar as identidades dos jovens.

### - Planejamento, elaboração e execução das atividades

O planejamento e a elaboração das atividades realizadas durante a execução da intervenção educativa “Vamos falar sobre HPV?”, ocorreu por meio de pesquisas iniciais em artigos científicos através de uma revisão de literatura sobre a temática, realizada em plataformas acadêmicas de busca, como Google Acadêmico, Scielo e Pubmed, usando revistas específicas de saúde, educação e ensino. Nessa investigação foram consideradas as dificuldades e as necessidades evidenciadas pelos professores durante a discussão de temas associados à sexualidade, como o HPV, a fim de subsidiar a elaboração de uma intervenção adequada, que rompesse com a abordagem convencional e tecnicista.

Após o levantamento prévio das demandas, no primeiro momento, denominado pré-intervenção, foram planejados e produzidos o folder “Você já ouviu falar em HPV?”, a cartilha “Vamos falar sobre HPV?”, o roteiro do bate-papo educativo e um questionário semiestruturado, contendo dez quesitos, utilizado como técnica para produção de dados quantitativos e auxiliar na estruturação dos dados qualitativos, os quais foram obtidos a partir da utilização da observação estruturada, técnica de pesquisa qualitativa que visa recolher, a partir de documentos escritos e observações, informações que subsidiam dados importantes que podem apoiar dados quantitativos (SILVA *et al.*, 2018).

Associado a isso, para contemplar o objetivo de desenvolver atividades lúdicas e a dinâmica em grupo, elaborou-se “Circuito do HPV”, “Roleta o HPV” e “Quem vê cara não vê coração”. Todas tiveram como foco a viabilização de informações relacionadas ao HPV, com abordagem diferenciada, e o incentivo a perguntas pertinentes ao tema, assim como o esclarecimento de dúvidas, a fim de proporcionar aos estudantes a construção de saberes no que se refere ao HPV. Para que toda a intervenção fosse concretizada, foram utilizados recursos impressos; modelos didáticos para abordagens em sexualidade; e artigos de papelaria.

A primeira ação do projeto no ambiente escolar, ainda na pré-intervenção, foram as visitas de sondagem às cinco escolas localizadas em comunidades rurais do município de Vitória da Conquista- BA, que tiveram como objetivo conhecer estrutura física dos ambientes escolares, bem como o perfil dos estudantes que configuravam o público alvo, para elaboração e adequação das atividades lúdicas integrantes da intervenção educativa. Como critérios de inclusão, foram escolhidos para o desenvolvimento das atividades estudantes do 7º ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 12 e 18 anos, de cinco escolas da zona rural do município.

No segundo momento, a intervenção educativa, todo o material previamente preparado foi levado aos estudantes. Com o auxílio dos mediadores, assim como dos professores e gestão escolar, foi possível realizar a primeira aplicação do questionário semiestruturado, com o intuito de coletar dados de conhecimentos prévios, bem como o bate-papo, que ocorreu de forma descontraída, cujo propósito foi deixar os estudantes mais à vontade para explicitar os seus conhecimentos, assim como as suas dúvidas sobre a temática, para, só então, iniciar as atividades lúdicas que compunham o roteiro a ser realizado. Toda a intervenção planejada durou aproximadamente quatro horas.

O último momento, denominado pós-intervenção educativa, ocorreu dez dias após a intervenção e teve como propósito coletar dados que subsidiassem informações sobre o ganho na aprendizagem dos docentes, quando comparados com os questionários aplicados na pré-intervenção educativa, tendo em vista que os quesitos propostos abordavam conhecimentos básicos sobre o vírus; doenças associadas a ele; formas de contágio; prevenção e tratamento. Cada estudante teve aproximadamente 20 minutos para ler e responder as questões propostas.

## Resultados

### - Atividades de intervenção

Com o intuito de assegurar o sucesso da intervenção educativa, cada etapa foi cuidadosamente elaborada, respeitando sempre os objetivos almejados. Para isso, foram considerados aspectos sociais, culturais e econômicos dos estudantes. Foram escolhidas escolas de zona rural para esse estudo, pois entendeu-se que nessas localidades há uma menor acessibilidade a intervenções educativas que objetivam a promoção da saúde no ambiente escolar. A sequência de atividades buscou inicialmente introduzir a temática do Papiloma Vírus Humano (HPV), após, provocar questionamentos, discussão e compreensão sobre a importância do vírus para a sociedade e para a segurança da iniciação sexual entre jovens.

Dessa forma, no primeiro momento da intervenção educativa foi realizado um bate-papo com apresentação do tema (Figura 1), auxiliada por modelos didáticos. No decorrer da argumentação pode-se elucidar que é um vírus e qual a sua importância para a saúde; apresentar o vírus causador do HPV e as suas principais características; formas de contágio, sintomas, tratamento e prevenção; vacinação e a sua importância; as principais doenças relacionadas com o HPV, como o condiloma acuminado, o câncer de colo do útero, o câncer de pênis, orofaringe, boca e ânus; bem como a importância social do HPV no mundo contemporâneo.

A duração do bate-papo educativo foi em média 35 minutos, nesse momento já foi possível perceber interesse dos estudantes através dos questionamentos e argumentações coerentes sobre a temática, e a curiosidade enquanto aos modelos didáticos. Em poucos momentos houve dispersão da atenção por parte do público. Com a finalização do bate-papo educativo, foi iniciada a segunda etapa da intervenção que consistiu em desenvolver uma dinâmica educativa e dois jogos de perguntas e respostas, com o intuito de reforçar os conhecimentos que foram apresentados durante a etapa anterior.

**Figura 1** – Bate-papo educativo.



Fonte: Dados obtidos pela pesquisa.

Em sala de aula, os estudantes foram divididos em duas equipes havendo um líder em cada uma das equipes, que atuou na intermediação de perguntas e respostas. Para a dinâmica inicial, denominada “Quem vê cara não vê coração” distribuiu-se 30 copos não identificados, para 15 estudantes de cada grupo, contendo água ou água com vinagre branco. Após a distribuição, foi sugerido aos estudantes que passem o líquido do seu copo para o copo do colega, enfatizando que eles não eram obrigados a realizar tal ato. Após a instrução, os mediadores aguardaram alguns segundos e solicitaram que os copos fossem colocados com cuidado em cima da mesa. Em seguida, um mediador acrescentou em cada um dos copos uma pequena quantidade de chá de repolho roxo, líquido que ao reagir com o vinagre, proporciona mudança de coloração (Figura 2).

**Figura 2** - Dinâmica “Quem vê cara não vê coração”.



**Fonte:** Dados obtidos pela pesquisa.

Ao observarem a mudança de cor os estudantes prontamente questionaram sobre a relação da dinâmica com o HPV. Os mediadores esclareceram que havia copos apenas com água, representando pessoas sem HPV e copos com água e vinagre, representando pessoas com HPV. Ao serem misturados os líquidos, foi favorecida uma contaminação fictícia por HPV dos copos que representavam pessoas saudáveis. Desta forma, o líquido sem vinagre permaneceu roxo/azulado (indivíduo saudável) e o líquido com vinagre apresentou coloração rosada (indivíduo contaminado), após o acréscimo do chá de repolho roxo.

Com esse esclarecimento, associou-se à prática das relações sexuais desprotegidas com o aumento iminente do risco de contrair HPV, evidenciando a necessidade de se prevenir antes do ato sexual. Além disso, foi reforçada a ideia de que aspectos externos, como a beleza, não isentam o indivíduo de possuir HPV ou qualquer outra Infecção Sexualmente Transmissível (IST).

Com a finalização da dinâmica iniciaram-se os jogos. O primeiro, denominado “Circuito do HPV” (Figura 3), tratou-se de um jogo de tabuleiro o qual devia ter no mínimo duas equipes participantes. As equipes escolheram um representante para participar como “peão”, sendo ele o responsável por escolher as perguntas que deveriam ser respondidas. O peão jogava um dado e se deslocava no tabuleiro, de acordo ao número de casas previsto pelo dado, sempre que a equipe acertasse uma pergunta relacionada ao tema. Para responder as perguntas, um representante da equipe poderia se deslocar até a mesa do professor e tocar o sino que estava posicionado ao centro. Venceu a equipe que primeiro conseguiu chegar ao final do jogo.

**Figura 3 -** Jogo “Circuito do HPV”.



**Fonte:** Dados obtidos pela pesquisa.

O segundo jogo, denominado “Roleta do HPV” (Figura 4), consistiu em um membro da equipe rodar uma roleta colorida, com pontuação predisposta, e em seguida responder, em dez segundos, uma pergunta relacionada a mitos e verdades sobre HPV ou a relação do vírus com o câncer. Estando correta a resposta, a equipe ganhava a pontuação mostrada pela roleta. Em caso de a equipe iniciante não conseguir responder, a chance de resposta era passada para a outra equipe. Seguindo esta lógica, a equipe que conseguiu responder corretamente o maior número de perguntas e acumular o maior número de pontos, foi a vencedora.

**Figura 4 -** Jogo “Roleta do HPV”.



**Fonte:** Dados obtidos pela pesquisa.

- O que dizem os questionários?

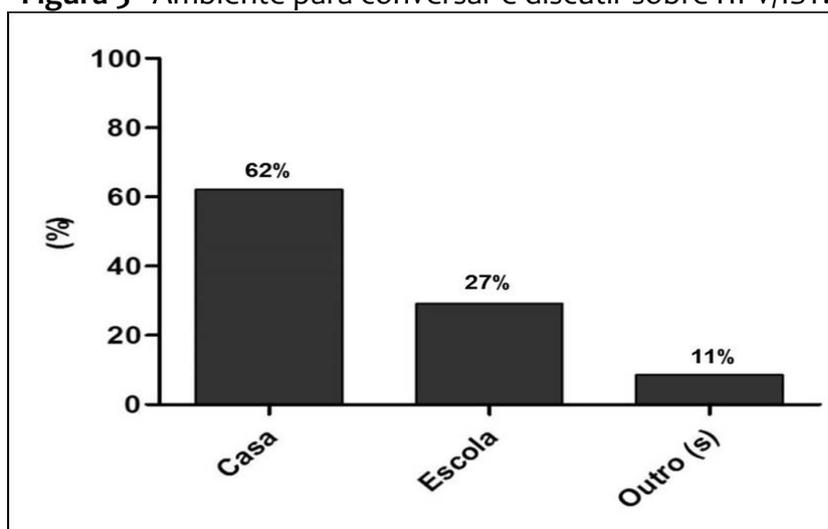
Participaram da pesquisa 178 estudantes, do 7º ano do ensino fundamental de cinco escolas do município de Vitória da Conquista- BA, sendo 59,8% do sexo feminino e 40,2% do sexo masculino, com faixa etária de 12 a 18 anos, sendo 55% entre 12 e 14 anos; 41% entre 15 e 16 anos; e 4% entre 17 e 18 anos.

Quando questionados sobre fontes/locais de obtenção de esclarecimentos sobre as IST, 66% dos estudantes afirmaram que o posto de saúde e a internet são as principais locais aos quais eles recorrem, enquanto que a escola foi indicada por apenas 8% dos estudantes.

No que se refere ao HPV, 68% afirmaram estar imunizados através da vacinação, dado muito relevante, uma vez que este é o método de prevenção mais eficiente contra o vírus e está disponível na rede pública de saúde para meninas de 9 a 14 anos e para meninos de 11 a 14 anos, conforme informações do Ministério da Saúde (2017).

É interessante ressaltar, que mesmo vacinados, constatou-se que apenas 53% dos discentes afirmam conhecer ou já ter ouvido falar sobre as doenças relacionadas com HPV. Quando questionados sobre o local mais confortável para falar sobre IST, a casa foi ambiente mais citado, seguido da escola (Figura 5).

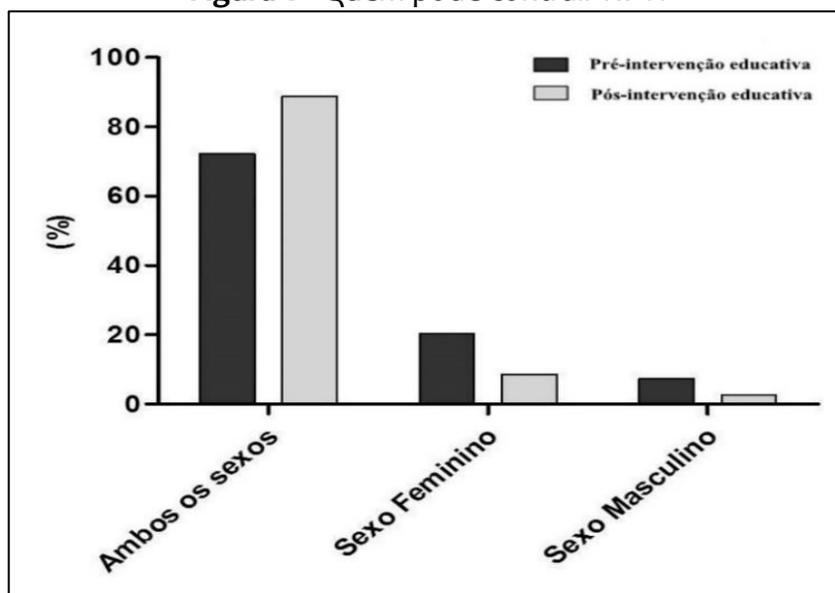
**Figura 5** - Ambiente para conversar e discutir sobre HPV/IST.



Fonte: Dados obtidos pela pesquisa.

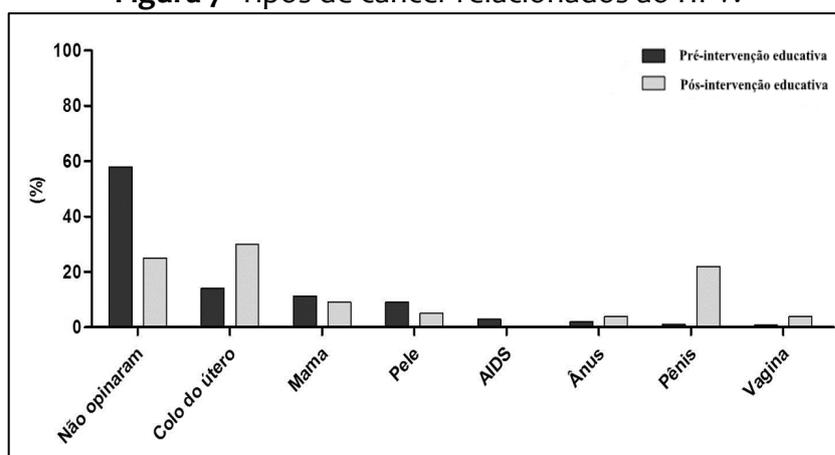
Ao comparar as respostas pré e pós intervenção podemos observar que aspectos relacionados a respeito de quem pode contrair o HPV, sua relação com o câncer e os tipos de câncer provenientes do HPV, identificou-se que a sequência de atividades lúdicas propostas colaborou com a construção do conhecimento dos discentes, como pode ser observado nas figuras 6 e 7, considerando o maior apontamento na afirmação de respostas coerentes.

**Figura 6 - Quem pode contrair HPV.**



Fonte: Dados obtidos pela pesquisa.

**Figura 7- Tipos de câncer relacionados ao HPV.**



Fonte: Dados obtidos pela pesquisa.

- O que diz o diário de bordo?

Além dos dados explicitados à cima, com a técnica de observação foram obtidos dados qualitativos, respaldados por um diário de bordo, que tornaram possível a percepção de informações que não poderiam ser visualizados a partir de uma análise quantitativa.

Perguntas e afirmações que foram feitas por alunos, como: “Uma mesma doença pode ser provocada por vírus diferente”; “Ah! Então HPV pode ser passado para um bebê!?”; “Então posso ter HPV e ficar bem?”; “Por que não vacina logo desde neném?”; “Os velhinhos então tem menos chance de pagar?”; “Meu pai não deixa eu vacinar.”, além das expressões e atitudes, como pegar e observar o preservativo, comparar a estrutura dos órgãos sexuais e associa-los a uma maior ou menor possibilidade de infecção, nos fizeram refletir a importância da interação e participação ativa dos estudantes durante a construção do conhecimento.

## Discussão

Os dois jogos (“Circuito do HPV” e “Roleta do HPV”) e a dinâmica (“Quem vê cara não vê coração”) se caracterizaram como uma oficina pedagógica inserida na intervenção educativa “Vamos falar sobre HPV?”, pois promoveram a participação coletiva dos educandos e foram elaborados com o objetivo de otimizar o processo de ensino e aprendizagem proposto aos participantes, propiciando a construção de um conhecimento inacabado, através da interação e do compartilhamento de conhecimentos (MASTELARI; ZÔPERO, 2017).

Tomando como referência os resultados obtidos da elaboração e execução da intervenção educativa concordamos com Gonçalves et al. (2014) onde afirma que a utilização de jogos didáticos, palestras e debates são aliados a uma educação esclarecedora e pode ocorrer no ambiente escolar, auxiliando os jovens a entenderem os riscos de uma vida sexual precoce, assim como a necessidade de se protegerem. Corroboramos também com Barbosa et al. (2010, p.340) que afirma “o uso de jogos

educativos é visualizado pelos jovens como algo que permite a participação dos componentes do grupo de modo interativo, divertido e conscientizador, possibilitando a aquisição do conhecimento e o aprendizado na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis” (atualmente chamadas de IST).

Essa constatação ficou clara ao analisarmos as observações feitas no diário de bordo utilizado durante as intervenções. A aplicação da análise de conteúdo nos permitiu visualizar a partir dos registros uma facilidade de questionamentos, proposição de solução e até mesmo desdobramento da problemática, quando o aluno se sentia mais à vontade no bate papo entre os colegas e os mediadores.

Consideramos importante destacar que ao longo do desenvolvimento dessas atividades, os mediadores auxiliaram na correta elaboração das respostas, sempre trazendo o foco para o HPV, contribuindo para aprendizagens significativas e colaborando no enriquecimento do conhecimento dos estudantes. Desde quando há inserção do lúdico, o intelecto superior é estimulado, através das emoções que são despertadas e se obtém o melhor da complexidade e potencialidade de cada um (POPOFF; D'ÁVILA, 2018; SILVA; NASCIMENTO; ZEN, 2018).

Os resultados em relação aos estudantes terem ouvido falar da doença mostram a necessidade de reconhecer o propósito da educação em saúde, destacado por Oliveira e Gonçalves (2004), quando afirmam que ela preconiza a autonomia do educando para entender, identificar e utilizar formas para preservar e melhorar sua saúde e não apenas se submeter a estas melhorias. É, portanto, necessário que os discentes compreendam o que é o HPV, qual a importância dele para a sociedade e a necessidade de se proteger contra uma possível infecção, independentemente de a imunização ter ocorrido.

Os dados obtidos mostram que a escola é um local de obtenção de informações. A escola não foi identificada como um ambiente de elucidação de dúvidas e estímulo à discussão sobre o tema. Esse fato pode estar associado à dificuldade que gestores escolares e professores afirmam ter ao abordar temas relacionados à sexualidade, por não se sentirem preparados para ela (MENEGUETTI *et al.*, 2015).

Vale ressaltar que, embora o domicílio apareça como um ambiente favorável para se falar sobre o HPV, Meneguetti *et al.* (2015) mostraram que as atitudes de famílias mais conservadoras em relação à sexualidade podem representar um problema, pois acreditam que seus filhos não estão preparados para discutir essas questões e que a escola poderia ensinar atitudes inadequadas para sua faixa etária.

Nessa perspectiva abre-se uma discussão quanto à inserção das famílias em ações voltadas para a educação em saúde na escola que abranjam a participação de pais e responsáveis por estudantes, a fim de que este grupo possa entender a importância da saúde no âmbito social e na manutenção da saúde dos seus jovens. Bezerra *et al.* (2016) corrobora com essa ideia ao afirmar que a escola é um espaço que forma crianças, adolescentes e também as suas famílias através de ações que englobem o seu contexto social.

Nessa condição, a apropriação de elementos da didática sensível pode constituir uma abordagem de ensino capaz de catapultar professores e estudantes de uma atitude de anestesia sensível e cognitiva para o papel de protagonistas criativos (D'ÁVILA, 2016, 2018), permitindo estar presente e atento ao nosso dia a dia (D'ÁVILA, 2018).

Em relação às respostas pré e pós-intervenção, foi possível observar que as sequências lúdicas colaboraram positivamente devido à ruptura da rotina mecanicista do sistema de ensino. Essa mudança contribui para uma imersão em um momento favorável a novas descobertas, fazendo com que os estudantes se sintam mais atraídos pelo conteúdo que está sendo desenvolvido.

Santos (2011) argumenta que a remodelagem didática e pedagógica das aulas, assim como uma postura diferenciada dos professores e demais mediadores do conhecimento, possibilita ao educando compreender e conhecer novos conteúdos, estimulando o surgimento de novos conhecimentos, como ficou explicitado no diário de bordo. Em educação em saúde, estimular a elaboração do conhecimento dos estudantes em novas áreas é indispensável para que ele consiga tomar decisões e manter-se saudável, bem como se sinta acolhido para tirar dúvidas e elaborar questionamentos pertinentes.

No decorrer da análise dos dados percebemos que em questionários pré-intervenção educativa a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida- AIDS é erroneamente citada como um tipo de câncer associado ao HPV, este fato reafirma a necessidade de inserir abordagens voltadas para a saúde no contexto escolar pois, como colocado por Berk *et al.* (2016), é necessário que os educandos saibam a importância dos cuidados individuais, interpessoais e sejam capazes de diferenciar as doenças que podem os acometer, sendo essas atitudes possíveis somente com atividades de educação voltadas para a saúde.

Cabe salientar que alguns dados não foram satisfatórios após a atividade interventiva. No que se refere a atitudes preventivas, percebeu-se um pequeno crescimento do reconhecimento da importância do preservativo. Observou-se ainda que alguns discentes se mostraram insatisfeitos em responder novamente o questionário proposto, fato que pode ter influenciado nas respostas obtidas no momento pós-intervenção educativa.

Corroborando com essa observação, Melo e Bianchi (2015) apontam que um questionário pode tornar-se cansativo para o questionado, que o responderá de forma inadequada ou mesmo não o responderá, influenciando diretamente nos resultados esperados da pesquisa que se realiza. Assim, propõe-se uma reflexão sobre a utilização do questionário como instrumento de coleta de dados para pesquisa, afim de que ela possa se adequar melhor às necessidades da investigação.

Contudo, os resultados obtidos nesse trabalho demonstram a necessidade da realização de ações continuadas em educação em saúde, pois como apresentado nesta pesquisa e apontado por Coscrato *et al.* (2010), uma ação educativa por si só não é capaz de mudar comportamentos e interferir na qualidade de vida das pessoas, considerando que há a influência de questões pessoais e valores diferentes das colocadas pelos educadores.

Nesse sentido, Gomes *et al.* (2009) afirma que a continuidade nas ações educativas torna o público alvo mais amplamente envolvido, fato que possibilita uma maior compreensão dos conhecimentos oferecidos, a fim de que os conhecimentos sejam potencializados tornando-se um saber concreto e favorável ao bem-estar individual e coletivo.

Vale destacar que o investimento no lúdico, quando o professor entende sua finalidade e vai além da superficialidade, pode ser amplamente favorável à consolidação de avanços cognitivos significativos, além do fato de que a informalidade que a forma lúdica carrega em si deixa claro que é necessário muito equipamento para que uma atividade seja lúdica, a integralidade pode ser desencadeada por processos muito simples e eficientes (D'ÁVILA; FERREIRA, 2019).

### **Considerações finais**

Diante do que foi exposto, infere-se que intervenções educativas se constituem como um recurso de grande relevância para a aprendizagem desde que sejam elaboradas preconizando a interação entre os sujeitos que se envolvem na ação. Ao planejar uma intervenção educativa deve-se entender o contexto cultural, político e social da comunidade envolvida, assim como buscar adaptar as metodologias de abordagem ao tema que se deseja discutir e as condições do ambiente escolar.

Nesse contexto, a utilização de atividades que estabeleçam relações com bases teórico-científicas e ludicidade são vistas como eficientes mediadores de conhecimentos, pois estimulam as discussões e as reflexões advindas do tema abordado, bem como facilitam a compreensão e a consequente construção de saberes intrínsecos a temática, viabilizando a aprendizagem significativa, já que mescla a interação de conhecimentos prévios viabilizados pelos educandos, com novos conhecimentos que serão incorporados aos já presentes.

Desta forma, este trabalho nos proporcionou observar que ao abordar educação em saúde usando ludicidade, fazendo uso de jogos e dinâmicas, torna-se possível discutir de forma facilitada e descontraída temáticas como infecções sexualmente transmissíveis, temas de alta relevância como HPV e outras doenças relacionadas. Sugerimos assim, que as atividades descritas nesse trabalho possam colaborar e/ou subsidiar novos trabalhos, aulas, atividades educativas dentro ou fora do ambiente escolar, com o intuito de colaborar com o aprendizado significativo para prevenção e cuidados com a saúde das crianças e adolescentes.

As estratégias educacionais podem colaborar com a construção de conhecimentos sobre HPV, entretanto, para alguns conceitos as informações não foram suficientes e/ou adequadas, assim sugere-se a realização de uma sequência de ações que possibilite a fragmentação do conteúdo, viabilizando uma abordagem mais minuciosa dos aspectos biológicos e sociais intrínsecos ao vírus, assim como a construção de um saber mais efetivo por parte dos discentes.

Cabe ainda reiterar que para educação em saúde a participação de toda a comunidade escolar, composta por estudantes, professores, gestores e família, é fundamental para promover troca de conhecimentos significativos entre os pares e contribuir com o bem-estar individual e coletivo, auxiliando, dessa forma na melhoria de aspectos sociais de toda comunidade, assim como no autocuidado e na autonomia para tomada de decisões relacionadas à saúde.

## Referências

BARBOSA, S. M. et al. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.12, n.2, p. 337-41, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

BERK, A. P. de Q. et al. O potencial do espaço coletivo para a divulgação de informações preventivas de promoção da saúde: uma prática educativa sobre HPV e câncer do colo do útero. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.9, n.3, 2016.

BEZERRA, T. A. et al. Relato de experiência da parceria saúde e educação no programa saúde na escola. **Revista de Enfermagem UFPE on-line**, v.10, n.6, p.2262-66, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer (INCA). **Rastreamento Organizado do Câncer de Mama**. Rio de Janeiro: INCA, p. 1- 24, 2011. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//rastreamento-organizado-cancer-de-mama-2011.pdf>

CASEMIRO, J. P. et al. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.19, n.3, p.829-40, 2014.

COSCRATO, G. et al. Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.23, n.2, p.257-63, 2010.

COSTA, F. dos S.; SILVA, J. L. L.; DINIZ, M. I. G. A importância da interface educação\saúde no ambiente escolar como prática de promoção da saúde. **Revista Informe-se em promoção da saúde**, v.4, n.2, p.30-33, 2008.

CUNHA, E. et al. A alimentação orgânica e as ações educativas na escola: diagnóstico para a educação em saúde e nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, p.39-49, 2010.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

D'ÁVILA, C. Razão e sensibilidade na docência Universitária. In: D'ávila, C. (Org.). **Construção de uma didática sensível**. Brasília: Em aberto, 2016. p.5-7.

D'ÁVILA, C.; FERREIRA, L. G. Saberes estruturantes da prática pedagógica docente um repertório para a sala de aula. In: MARIN, A. et al. (Org.). **Capa Didática: saberes**. Salvador: EDUFBA, 2019. p.33-49.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática sensível: Contribuição para a Didática na Educação Superior**. São Paulo: Cortez, 2021.

FORNAZARI, V. B. R.; OBARA, A. T. O uso de oficinas pedagógicas como estratégia de ensino e aprendizagem: a bacia hidrográfica como tema de estudo. **Investigações em Ensino de Ciências**, v.22, n.2, p.166, 2017.

GOMES, K. de O. et al. A práxis do agente comunitário de saúde no contexto do programa saúde da família: reflexões estratégicas. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.4, p.744-55, 2009.

GONÇALVES, A. B. C. et al. A educação em saúde em escolas públicas da zona rural: relato de experiência. **Extensão em Foco**, v.1, n.15, 2018.

GONÇALVES, M. B. et al. Conversas sobre saúde, doenças sexualmente transmissíveis e vacinas. **Revista SBEnBio**, n.7, p.5766-774, 2014.

JORGE, E. A. S. **Conhecimento sobre HPV (Papilomavírus Humano) e a percepção das adolescentes sobre sua imunização**. Dissertação (mestrado profissional) - Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista. Botucatu, p. 112. 2016.

MASTELARI, T. B.; ZÔMPERO, A. de F. Oficina de aprendizagem: uma proposta metodológica na formação do estudante do ensino médio. **Investigações em Ensino de Ciências**, v.22, n.3, p.224, 2017.

MELO, W. V. de; BIANCHI, C. dos S. Discutindo estratégias para a construção de questionários como ferramenta de pesquisa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v.8, n.3, 2015.

MENEGUETTI, V. et al. As ações e dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação da educação sexual. **Educação Online**, n.18, p.117-30, 2015.

NOGUEIRA, R. P. Enfermagem promovendo educação em saúde no contexto rural. **Revista Em Extensão**, v.9, n.2, 2010.

OLIVEIRA, H. M. de; GONÇALVES, M. J. F. Educação em Saúde: uma experiência transformadora. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.57, n.6, p.761-63, 2004.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.10, n.1, p.85-102, 2010.

POPOFF, S. C.; D'ÁVILA, C. M. A construção do perfil do professor e a mediação didática lúdica no Ensino Fundamental II. **Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade**, v.7, n.1, 2018.

RÊGO, R. L. S.; ALENCAR, R. R. S. de; RODRIGUES, A. P. R. A. A educação em saúde para adolescentes e a vacina contra o HPV. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, v.4, p.181-190, 2017.

RIZZO, E. R. et al. Vacina do HPV - o conhecimento das adolescentes a respeito do Papiloma Vírus Humano, um relato de experiência. **Revista Pró-UniverSUS**, v.7, n.2, p.10-12, 2016.

ROCHA, E. J. F. et al. Integração do programa saúde na escola por meio de ações de promoção e prevenção durante o estágio curricular supervisionado de enfermagem: relato de experiência. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v.14, n.2, p.220-28, 2016.

ROCHA, M. L. da; AGUIAR, K. F. de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.23, n.4, p.64-73, 2003.

SALUM, G. de B.; MONTEIRO, L. A. S. Educação em saúde para adolescentes na escola: um relato de experiência. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.19, n.2, p.246-57, 2015.

SANTOS, M. M. M. dos. **A importância da ludicidade na aprendizagem da educação infantil**. Trabalho de conclusão de curso (especialização) - Curso de Formação para a Docência do Ensino Superior, Centro Universitário- CESMAC. Maceió, p. 24. 2021.

SANTOS, V. N. dos. Recursos pedagógicos: o fazer pedagógico para um olhar teórico prático. In: SANTOS, J. N dos (Org.). **Ensinar ciências: reflexões sobre a prática pedagógica no contexto educacional**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p.44-99.

SILVA, C.; NASCIMENTO, O.; ZEN, G. (Org). **Didática: abordagens teóricas contemporâneas**. Salvador: Edufba, 2019.

SILVA, P. B. da. et al. **Observação como Técnica de Pesquisa Qualitativa**: Panorama em Periódicos Contábeis Brasileiros. Anais 4º Congresso de Contabilidade e Governança & 1º Congresso UNB de iniciação científica- CCGUNB. Brasília: UNB, 18f, 2018.